

A circulação de romances nos catálogos das livrarias *Garnier e Laemmert*.

Juliana Maia de Queiroz¹ (UNICAMP)

RESUMO: *O presente texto analisa dois catálogos da segunda metade do século XIX de duas importantes casas editoriais e também livrarias – a de Baptiste Louis Garnier e a Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert. Nosso objetivo é observar os romances em circulação, as estratégias para atrair o público leitor e os critérios de valorização do gênero romanesco presentes nos catálogos.*

Palavras-chave: Século XIX; Romance; Catálogos de Livrarias; Garnier; Laemmert.

Introdução

Entre os estudiosos da História do Livro e da Leitura no Brasil, não é novidade a notícia de que, no século XIX, muitos foram os escritores que reclamaram das dificuldades para a publicação de seus livros, fosse pela escassez de tipografias e carestia da produção, fosse pela suposta falta de um público leitor para suas obras. No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, houve um significativo aumento no número de casas editoriais, bibliotecas e gabinetes de leitura, além da já existente Biblioteca Nacional. Lugares como a Biblioteca Fluminense, por exemplo, instalada no Rio de Janeiro em 1847, dispunham de diversas obras contemporâneas, entre elas, romances. Além desses locais, destacavam-se o Gabinete Português de Leitura e a Sociedade Germânica. Outra prática de difusão da leitura consistia na organização de seções, no interior das próprias livrarias, de aluguel de livros. Além disso, a partir dos anos sessenta, houve um crescimento considerável no número de livrarias. Ao lado daquelas mais famosas da rua do Ouvidor, havia inúmeros estabelecimentos menores que vendiam, entre outros produtos, livros. Muito embora o comércio livreiro se desenvolvesse a passos largos, a atividade de editoração não acompanhava o mesmo ritmo. Por se tratar de um ramo mais oneroso e, portanto, arriscado, poucos foram os que se aventuraram nesse setor. Nesse sentido, merecem destaque duas importantes casas editoriais e também livrarias: a de Baptiste Louis Garnier e a dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert.

Para divulgar o espantoso número de livros disponíveis em suas lojas, conhecidas respectivamente como “Livraria Garnier” e “Livraria Universal”, seus proprietários os anunciavam tanto em periódicos quanto em catálogos especialmente confeccionados para esse fim. Tais fontes, embora muitas vezes difíceis de serem localizadas, representam valioso documento acerca da circulação de romances no século XIX em todo o Brasil e, no nosso caso, no Rio de Janeiro especificamente. Nas palavras de Robert Darnton, “muito se aprenderia sobre as atitudes em relação aos livros e o contexto de sua utilização estudando a maneira como eram apresentados – a estratégia do apelo, os valores invocados pelo discurso empregado – em todos os tipos de publicidade (...).” (DARNTON, 1995, p.124).

¹ Juliana Maia de QUEIROZ; Doutoranda (Universidade Estadual de Campinas – Departamento de Teoria e História Literária); jumaiaque@gmail.com

Nessa linha de interpretação, o presente texto tem como objetivo analisar dois catálogos, um da Livraria de Baptiste Louis Garnier e outro da Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert, da segunda metade do século XIX. Nosso objetivo é observar a visão mercadológica dos livreiros-editores num período em que a produção de romances nacionais estava em franco processo de consolidação e convivia com a circulação de romances estrangeiros. Dessa forma, os catálogos que temos em mãos revelam, além dos títulos postos à venda, informações preciosas acerca das estratégias utilizadas para atrair o público leitor, a materialidade das obras, bem como os critérios de avaliação do gênero romanesco no período.

Os romances no catálogo da Livraria Garnier.

O catálogo da Livraria Garnier ² que vamos analisar não está datado, mas podemos afirmar que é posterior a 1872, devido à presença de obras como *Til* (1872), de José de Alencar e *Ressurreição*, do mesmo ano, de Machado de Assis. Dividido em seções, todas organizadas em ordem alfabética, o mesmo comporta títulos dos mais variados assuntos, tais como: Religião; História; Geografia; Medicina; Homeopatia; Direito; Economia; Livros de Educação; Poesia; Romance; Peças de Teatro.

O foco aqui recai sobre a seção intitulada “Romances, Novellas, Variedades, Etc”, pois nosso objetivo é observar como o romance, enquanto mercadoria à venda, é tratado por Garnier em seu catálogo. No entanto, há um aspecto que merece ser mencionado de antemão. Imediatamente anterior à seção que vamos analisar, está a seção “Poesia, Litteratura, etc”. Composta de 82 títulos, de imediato nos chama a atenção o fato de o termo “litteratura” aparecer associado à poesia, supondo assim uma valorização da poesia em detrimento do gênero romanesco. Muito embora a designação “Litteratura” possa ser interpretada como sinal de distinção positiva, é possível pensar também que Garnier tivesse por objetivo criar uma sessão distinta, estrategicamente concebida para destacar as obras que tinham maior apelo popular e, assim, pudessem ser facilmente encontradas no interior do catálogo: os romances. O romance, desde seu surgimento até meados dos anos 70 do século XIX, foi considerado um gênero de deleite, uma vez que sua prática de leitura não pressupunha o conhecimento prévio de regras clássicas de escrita e leitura, configurando-se assim como bastante popular. Dessa forma, haver no interior do catálogo uma seção exclusiva para ele pode ser interpretado como uma estratégia a mais de venda.

Na seção “Romances, Novellas, Variedades, Etc”, contabilizamos cento e noventa títulos. Como se sabe, ao longo do século XIX, ainda há uma variação e indefinição na nomenclatura relativa ao gênero, o que justificaria a junção dos termos romance, novela e variedades numa única seção. Poderíamos dizer, dessa forma, que essa seção era composta por textos de prosa de ficção.

Apesar dessa abrangência, é comum encontrarmos no catálogo várias subclassificações para os romances anunciados, tais como, “romance histórico”, “romance brasileiro”. O termo “romance histórico” vinha sendo utilizado por vários autores nacionais

² “Catálogo dos livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se achão em grande numero na mesma livraria. 69 – Rua do Ouvidor – 69. Rio de Janeiro”. Fonte: Projeto Temático “Caminhos do Romance no Brasil – séculos XVIII e XIX”, IEL, Unicamp. Sempre que nos referirmos a esse documento, utilizaremos o termo “Catálogo Garnier”. Ressalta-se ainda que, em todas as citações, mantemos a grafia original.

como José de Alencar, por exemplo. Já o termo “romance brasileiro”, utilizado no catálogo de Garnier para o título de Alencar e também para outros, talvez buscasse destacar o fato de se tratarem de romances que abordavam questões relativas à cultura e à sociedade brasileira, bem como ao projeto de constituição de uma literatura nacional. Nesse sentido, vale observar o longo comentário crítico que acompanha a lista de romances de Alencar no catálogo. Tal nota, com contornos de resenha crítica, tece elogios às habilidades estilísticas do romancista e procura convencer o leitor das qualidades de *As Minas de Prata*, comparando-o a *O Guarani*:

(...)Em ambas as produções do abalizado escriptor nota-se o mesmo vigor na pintura de caracteres, o mesmo interesse na exposição dos sucessos e na urdidura da trama, que se complica progressivamente sem que comtudo d’ahi resulte confusão, ou amphibologia; a mesma vivacidade no dialogo; a mesma naturalidade nas descrições dos sítios em que se passam as principaes senas. Uma das qualidades que mais recommendão os romances do Sr. José de Alencar, e nomeadamente o ultimo que ora annunciamos, é a escrupulosa fidelidade com que desenha as épocas em que os faz passar, estudando minuciosamente os seus usos e costumes, stenographando até a linguagem das classes elevadas e as locuções familiares do povo (...) e crea situações cheias de encantos e interesse que prendem a attenção dos leitores, e fal-os muitas vezes descurar de qualquer outro deleite. (Catálogo Garnier, s/d, p.54.)

O trecho citado mostra as principais características valorizadas num período em que o romance nacional já estava consagrado, porém ainda alvo de discussões sobre sua finalidade. Nesse período, o romance era analisado por grande parte da crítica como um gênero da eloquência e, assim, caracterizado a partir de preceitos clássicos. Como indicam estudos recentes, os manuais de retórica, adotados no ambiente escolar, tratavam do gênero como uma das partes da Retórica, o que difundia de maneira ampla esse modo de ler e avaliar os romances. No livro *Lições Elementares de Eloquência Nacional*, de Francisco Freire de Carvalho, por exemplo, há um capítulo intitulado “Das Novellas e Romances históricos”, em que muitas das características destacadas no trecho citado anteriormente são apontadas e analisadas. Freire Carvalho apresenta a instrução como o cerne de um texto literário e, para que esta seja alcançada, seria necessário que a obra apresentasse:

um estilo ameno, polido e ornado dos atavios da eloquencia mais brilhante, e a mais apropriadas aos lances nas mesmas composições apresentados; sem que todavia nellas se faça ostentação de um luxo oratório deslumbrador (...) O que porém torna mais digno de recommendação este mesmo Genero de composições, é a pintura dos caracteres, conformes à Natureza, desenhados por um modo vivo e atrevido, e sempre tendentes nas suas feições a inspirarem sentimentos de bondade, de humanidade, por meio de cuja pintura, quanto é louvável, deixando-lhes na alma impressões úteis, decentes e virtuosas. (CARVALHO, 1856, p.97.)

A “pintura dos caracteres” é ponto comum nos dois trechos, uma vez que é este o recurso que vai garantir que os leitores sejam instruídos e tenham suas paixões guiadas em

direção à virtude. O recurso a um estilo “ameno, polido” e que, portanto, não complique a trama também é destaque em ambos. Tal estilo garantiria que o romance fosse compreendido e pudesse instruir e moralizar um maior número de leitores, sobretudo aqueles que não dominavam os conhecimentos das Belas Letras.

Alencar recebe novos elogios abaixo dos anúncios de seus romances *A Pata da Gazella* (1870), *O Gaúcho* (1870), *O Tronco do Ipê* (1871). O destaque recai sobre o fato de que o autor “ensina brincando”, devido ao seu “estilo pomposo sem se elevar às alturas gorgoricas, tão pouco apreciáveis aos olhos da crítica moderna, sabe ele prender a atenção do leitor a uma acção bem sustentada” (Catálogo Garnier, s/d, p.54). Nota-se, aqui, a referência direta à famosa preceptiva horaciana, instruir e divertir, aplicada ao gênero romanesco desde seu surgimento. No século XIX, tal preceito vai ser associado a outros critérios de valorização, como o tratamento, na prosa de ficção, tanto de assuntos nacionais quanto da realidade cotidiana, tendo em vista instruir e mostrar ao leitor, através das ações das personagens, os padrões morais a serem seguidos e aqueles a serem repudiados. Eram estes os critérios que a chamada “crítica moderna” tanto valorizava.

Tais comentários revelam o quanto a visão mercadológica de Garnier estava bem sintonizada com o discurso crítico da época. Enquanto livreiro e editor, ele sabia que, ao se apoderar do discurso erudito das Belas Letras, poderia valorizar ainda mais seu produto.

Ainda no caso de José de Alencar, o catálogo coloca à mostra uma outra curiosidade. Além de ter seus títulos anunciados na letra A (Alencar, José de), seus escritos aparecem na letra S, sob a autoria de Senio, a quem são atribuídos os romances *A Pata da Gazella*, *O Gaúcho* e *O Tronco do Ipê*. O uso de pseudônimos foi prática comum entre nossos romancistas no século XIX e José de Alencar lançou mão do recurso da denegação da autoria diversas vezes. No catálogo, os romances, *Diva* (1863) e *Luciola* (1862), foram anunciados como sendo da autoria de “G. M”, outro pseudônimo que ele também utilizou. Interessa observar que seu editor, preocupado em não desfazer a ilusão criada por Alencar, ao anunciar suas obras, acaba constituindo na verdade três conjuntos de obras: as de Alencar, as de Sênio e as de G. M., transpondo para o mundo dos negócios a autoria criada no mundo ficcional.

Outro autor destacado no catálogo é Joaquim Manuel de Macedo. Sabe-se que ele permaneceu, na maioria das histórias literárias do século XX, com uma imagem bastante cristalizada como a de um autor de narrativas repetitivas, amenas e superficiais, todas centradas apenas em entreter e moralizar os leitores da época. No entanto, vejamos o que diz o catálogo:

Certo de bom acolhimento não descança elle na sua tarefa, dotando cada dia uma nova obra a nossa litteratura amena, de que é um dos mais brillhantes ornamentos. E a aura que o affaga merece-a bem pelo extremoso cuidado com que affasta dos seus assumptos toda e qualquer idea que possa ir alvoroçar as imaginações ardentes, animando-as a voarem a regiões aprazíveis, porém vertiginosas. A moral, eis seu principal conselheiro para escrever. Não será este o melhor elogio que se possa fazer ao Sr. Joaquim Manuel de Macedo? (Catálogo Garnier, s/d, p.67)

Obviamente, sendo editor de Macedo, Garnier tinha interesse em anunciar suas obras com maior destaque. No entanto, tal comentário é ainda mais valioso na medida em que evidencia a moral, componente tão criticado na obra de Macedo na maior parte das

histórias literárias do século XX, como o principal aspecto de elogio ao escritor fluminense. Além disso, o trecho do catálogo enfatiza a “litteratura amena” macediana, componente que seria tão rejeitado posteriormente pelos críticos, como motivo de valorização de sua obra.

Ao mesmo tempo em que Garnier anunciava com destaque a produção de dois romancistas de sucesso – Alencar e Macedo – abria espaço para Machado de Assis, então um jovem escritor. Na seção de poesia estão *Chrysalidas* e *Phalenas* e, na de prosa, os *Contos Fluminenses* e *Ressurreição*. Assim como há comentários elogiosos após as obras de Alencar e Macedo, o mesmo ocorre com ele:

Quando o nome de Machado d’Assis appareceu pela primeira vez em publico disseram todos: ‘ é um jovem escriptor que promette muito’. E promettia mesmo. E o que mais raro acontece, se bem promettia, melhor cumpriu. Notável pela correcção da phrase e pela facilidade d’um estylo despido de feitios extravagantes e supérfluos, é nos seus *Contos* que mais vantajosamente se patenteão as suas qualidades como escriptor. Sem lançar mão de assumptos complicados, com uns nadinhas á toa, habilmente desenvolvidos, tão fácil lhe é prender a attenção do leitor, como a este deixal-a prender (...) Á vista d’isto não é de admirar que elle seja tão estimado do publico, juiz supremo que o acolhe sempre de braços abertos, como a um amigo antigo e experimentado, animando-o a prosseguir na sua carreira. (Catálogo Garnier, s/d, p. 78)

O trecho evidencia alguns dos componentes qualitativos já apontados sobre Alencar, como o estilo “despido de feitios extravagantes e supérfluos” que não lança mão de “assumptos complicados” sendo assim mais fácil prender a atenção do leitor. Além disso, o catálogo tenta captar a simpatia do leitor para com a figura do autor: é um jovem talento e cumpre o que promete, fatores que justificariam seu sucesso de público. Possivelmente, Garnier tenha se referido ao público como um “juiz supremo” que sempre acolhe Machado de Assis de “braços abertos” como uma estratégia a mais de venda. Em outras palavras, como Machado já havia passado pelo crivo do público, aquele que tivesse em mãos o catálogo, estaria ainda mais tentado a comprar as obras do jovem autor.

O catálogo revela, para além dos critérios de excelência da época, o maior destaque de Garnier a certos autores, pois apenas algumas obras receberam comentários críticos – a maior parte dos títulos é apenas associada a um preço. Além de Alencar, Macedo e Machado, somente Bernardo Guimarães, Luiz Guimarães Junior e Joaquim Norberto de Souza e Silva receberam um parágrafo ou dois a respeito de suas obras na seção “Romances, Novellas, etc”. Pesquisas recentes revelaram que todos esses autores foram editados por Garnier e, assim, é possível que o livreiro editor desse destaque a tais autores por uma razão óbvia: tinha maior interesse em vender os títulos daqueles que ele editava, destacando, portanto, as obras cujas edições ele mesmo financiava.

Para as obras que não tivessem sido editadas pela Garnier não havia qualquer destaque, além da menção do título, do preço, e, eventualmente, informações sobre sua forma material. Nesses casos, conviviam lado a lado, autores posteriormente canonizados e escritores que seriam considerados menores pelas Histórias Literárias ou, ainda, cairiam no completo esquecimento. Começemos com Teixeira e Souza. Sua obra, *O Filho do Pescador* (1843), por exemplo, é anunciada como sendo a 4ª edição. Outro nome que aparece no catálogo é o da escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro que, sob o pseudônimo de Indygena do Ypiranga, publicou em 1859, pela tipografia de Paula Brito, a primeira

edição de *D. Narcisa de Villar, Lenda do Tempo Colonial*. Interessa notar que, de 1859 à data aproximada da distribuição do catálogo, temos um período de, no mínimo, doze anos. Muito embora tal obra tenha caído no esquecimento posteriormente, o fato é que na década de setenta dos oitocentos, ela aparentemente tinha um público potencial. Afinal, se Garnier continuou anunciando a mesma é grande indício de que *D. Narcisa de Villar* possuísse espaço de venda entre todos os outros autores anunciados. Ao lado dos dois escritores citados anteriormente, temos Luis Guimarães Junior. Suas *Historias para Gente Alegre* e seus contos *Curvas e Zig-Zags* são anunciados no catálogo com elogios à veia humorística do autor.

Assim, convivam nas páginas do catálogo, homens e mulheres, consagrados e iniciantes, mostrando que a tradicional distinção entre “maiores e menores”, presente em grande parte da crítica literária do século XX, perde nitidez quando consideramos o conjunto de obras postas à venda num dado momento e, possivelmente, as preferências do público. Se levarmos em conta os preços e a materialidade das obras presentes nos catálogos, “os gatos se tornam ainda mais pardos”. Como fonte de informação e comparação, utilizamos a tabela de preços de livros, revistas e jornais presente em *A Formação da Leitura no Brasil*, na qual há o dado de que, no ano de 1876, o preço dos livros girava em torno de 2\$ a 3\$ mil réis. No catálogo, os preços dos títulos dos diferentes autores, tanto nacionais, quanto estrangeiros, situam-se realmente nessa faixa, em se tratando apenas de um volume. O primeiro preço diz respeito à versão brochura e o segundo à encadernada, naturalmente mais cara. Obviamente, se o título do livro comportava dois ou mais volumes, os preços aumentavam.

Se os preços das obras anunciadas pela Livraria Garnier estavam aparentemente no valor de mercado, o que seria o grande atrativo do editor? Possivelmente, a qualidade de suas impressões. Vários comentários apontam para a “rica encadernação” e para uma possível finalidade de compra “para presentes”. Além disso, em se tratando de obras dos séculos anteriores, sobretudo de poesia, o catálogo menciona que a nova edição da Garnier é melhor do que as outras já disponíveis, pois apresentam “belas gravuras”, ou uma encadernação mais luxuosa, ou ainda edições enriquecidas com estudos sobre a vida e obra do autor.

Nem mesmo as obras estrangeiras, traduzidas para o português, possuem qualquer distinção das nacionais, tanto no que se refere a preço ou materialidade. A presença de literatura estrangeira no catálogo, embora expressiva, não é esmagadora. Observando a proporção entre autores nacionais e estrangeiros, há, no catálogo, uma ligeira predominância de prosa estrangeira: dos 190 títulos da seção “Romances, novellas, etc”, cerca de 110 são estrangeiros. Tais números confirmam ainda mais os resultados de pesquisas recentes acerca de maior expansão do romance nacional a partir dos anos 80 dos oitocentos. Nomes já consagrados como Alexandre Dumas; Feuillet; Paul Feval; Paul de Kock, George Sand; Eugène Sue; Cooper, Charles Dickens e Defoe figuram lado a lado com os autores nacionais.

O catálogo da Livraria Universal.

Também dividido em seções, o catálogo da Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert³ que temos em mãos anuncia obras dos mais variados assuntos, tais como: “Legislação Patria, Jurisprudencia, Economia Politica, etc”; “Medicina, Cirurgia, Pharmacia, Sciencias Naturaes, Homeopatia e Alveitaria”; “Historia Geral e Particular, Biographia, etc”; “Obras de Poesia”; “Conhecimetos Geraes, Domesticos, de Geographia, Technologia, Architetura, Agricultura, Mathematicas, Variedades, etc”; “Theologia, Sermões e Devoção”; “Educação, Instrucção e Recreio da Mocidade”; “Estudo da Lingua Nacional e Linguas Estrangeiras, Dictionarios, Dialogos, etc”; “Operas para piano e flauta”.

A seção que iremos analisar é intitulada “Litteratura, Novellas, Romances, Historias, Composições Theatraes, Livros de Divertimento e Recreio nas Sociedades”. Composta de aproximadamente 1300 títulos distribuídos em 71 páginas, esta seção está organizada em ordem alfabética de acordo com o título do livro ou o sobrenome do autor. Ao contrário do catálogo analisado anteriormente, o que temos em mãos refere-se ao ano de 1868, sendo, portanto, de um período próximo àquele. Dessa forma, torna-se possível a análise comparativa entre ambos, uma vez que o contexto no qual circularam as obras vendidas por Garnier e Laemmert é praticamente o mesmo.

Afora a enorme quantidade de títulos, nos chama atenção a junção, no interior de uma única seção, de obras de gêneros tão variados, tais como, novelas, romances, histórias de personagens históricos ou fictícios. Possivelmente, tal variedade evidencia uma estratégia a mais de venda, pois há a separação dos livros de poesia daqueles de prosa de ficção, gênero que passa a ser extremamente popular no Brasil, sobretudo a partir da segunda metade dos oitocentos. Notemos, contudo, que nesse catálogo o termo “litteratura” aparece atrelado à prosa de ficção. Lembremos que no catálogo Garnier, esse termo se fazia presente na seção de poesia. Conforme explicitamos no início da análise do catálogo Garnier, percebemos aqui também uma variação na definição do gênero romanesco ainda existente no século XIX.

Semelhante ao catálogo Garnier, nesse também encontramos pouca distinção entre as obras anunciadas. Grande parte delas apresenta apenas o título, inclusive sem especificação de autoria ou preço. Observamos, contudo, que alguns títulos são precedidos de um sinal de asterisco (*) e seguidos, em muitos casos, de um comentário elogioso sobre a edição anunciada, havendo ainda a menção ao preço, tanto em brochura quanto encadernado. Nossa hipótese é a de que, muito provavelmente, as obras anunciadas dessa forma sejam aquelas editadas na “Tipografia Universal de Laemmert”. Tal como analisamos em relação ao catálogo Garnier, os livreiros-editores têm especial interesse em destacar as obras que são editadas por suas casas. Vejamos os seguintes anúncios:

Amores (os) de um ladrão, por Mme Ch. Reybaud. 1 vol. encadernado.

Amores (os) de Paris. 3 vols. encadernados.

³ “Catalogo n.7 das obras de Litteratura. Novellas, Romances, Historietas, Comedias, Dramas, Livros de Divertimento e Recreio das Sociedades e outras Obras de Entretenimento em Portuguez. Á venda na Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert 77 Rua da Quitanda 77 e do mez de junho de 1868 em diante 68, Rua do Ouvidor, 68 no Rio de Janeiro”. Fonte: Projeto Temático “Caminhos do Romance no Brasil – séculos XVIII e XIX”, IEL, Unicamp. Sempre que nos referirmos a esse catálogo, utilizaremos o termo “catálogo Laemmert”. Também aqui, mantivemos a grafia original nas referências e citações.

***Amorosas paixões** do jovem Werther, historia verdadeira, publicada em allemão pelo celebre Goethe, e offerecida ás almas sensíveis pelo traductor portuguez. 2 vols. com os retratos coloridos de Werther e de Carlota, broch.....Rs. 2\$000
Encadernado.....Rs. 2\$500
(Catálogo Laemmert, 1868, p.4)

Notemos que dos três títulos anunciados, apenas um apresenta preço e dois deles autoria. Somente a obra precedida por asterisco tem informações completas. Uma vez que tal característica se repete várias vezes no catálogo com pouquíssima variação, pode-se supor que indique as obras que eram editadas pela Tipografia dos irmãos Laemmert.

A enorme quantidade e diversidade de títulos, muitas vezes sem especificação nem de gênero e nem de autoria, acaba dificultando o trabalho de reconhecimento de todas as obras listadas. Por outro lado, revela a familiaridade do público leitor com tamanha variedade de títulos. Infelizmente, não temos acesso a fontes primárias que pudessem indicar como todas essas obras eram adquiridas, a quantidade e nem quem as comprava, mas se elas eram anunciadas, é indício de que supostamente havia público consumidor para elas.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito aos pequenos comentários críticos que acompanham algumas das obras anunciadas. Como já dissemos, eles aparecem apenas em alguns casos e, no catálogo Laemmert, não possuem um tom de resenha crítica como naqueles do Catálogo Garnier. Na maioria das vezes, dão notícias apenas sobre o enredo e materialidade das obras:

***Paulo** e Virginia, historia fundada em factos por B. de Saint-Pierre. 1 vol. com 6 lindas estampas coloridas, enc. 3\$; em marroquim Rs. 4\$000. Não há nada mais sentimental e bem escripto do que este celebre livrinho, pelo qual seu autor alcançou immortal fama; e não ha ao mesmo tempo nada de mais elegante do que a sua impressão e a lindeza e nitidez de suas estampas, tornando-se por isso um lindo presente. (Catálogo Laemmert, 1868, p.59.)

***Emilia** e Frontino, ou cartas amorosas de dous amantes. 1 nitido volume. Rs. 800. A historia destes dous amantes, que teve um principio trivial, desenvolve um enredo assaz complicado e cheio de desgostos e contratempos extraordinários, que supportarão com fortaleza e constancia incriveis, até que a fortuna premiou sua recíproca fidelidade pelo complemento de desejos tão vivos e puros. **O tecido da historia é interessantissimo, e os dous caracteres dignos de serem imitados por todos os amantes.** (Idem, p. 28, grifo meu)

Há aqui a menção a duas características valorizadas na prosa de ficção do século XIX: a presença de uma trama contendo fatos “interessantes” e a presença de personagens que sirvam de modelos de imitação pelos leitores. Em relação ao preço das obras, aparentemente são mais baratas do que aquelas anunciadas no Catálogo Garnier, mas não se pode esquecer que estamos em 1868, ou seja, no mínimo quatro anos antes da possível data de produção daquele catálogo. Mesmo assim, o anúncio do livro de Saint-Pierre, por exemplo, destaca uma edição luxuosa, com estampas e, portanto, bem mais cara.

Outro ponto forte do catálogo são os títulos traduzidos, o que revela a pujança do mercado editorial em língua portuguesa, cuja produção permitia que se lesse a literatura estrangeira em língua nacional. Os franceses são predominantes na enorme lista de autores estrangeiros no interior do catálogo. Entre eles, destacamos os que têm mais títulos traduzidos: Alexandre Dumas; Paul de Kock; Soulié; Eugène Sue; Montepin; Ponson Du Terrail. Na *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido aponta a publicação de romances, nas formas de folhetim e livro, traduzidos do francês, como um dos fatores da expansão do gosto pelo gênero romanesco entre os leitores que aqui residiam e também como influência para os autores nacionais.

No entanto, os romances franceses não foram os únicos que circularam por aqui no século XIX. Sandra Vasconcellos demonstra que também havia importante circulação de romances ingleses no Brasil em gabinetes de leitura, bibliotecas e livrarias durante os oitocentos. Nesse catálogo, nomes consagrados como Cooper, Walter Scott e Richardson aparecem com muitos títulos traduzidos. Ao contrário do catálogo Garnier, observamos aqui que, no que diz respeito ao gênero romance, há no catálogo Laemmert um espaço bem maior para os autores estrangeiros.

Quanto aos autores nacionais presentes no catálogo, Joaquim Manuel de Macedo é o único que permaneceria nas Histórias Literárias posteriores com maior destaque. Teixeira e Souza, por exemplo, embora presente nesse catálogo como no de Garnier, tem sido estudado apenas mais recentemente, assim como a escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro (Indígena do Ypiranga) também presente nos dois catálogos. No entanto, nomes como Antonio Flores, Antonio Avelino Amaro da Silva, Francisco L. de Abreu Medeiros, Lucio Antonio de Souza, Carlos Borges, entre outros, ficariam completamente esquecidos posteriormente.

Conclusão.

O pesquisador que hoje tem em mãos tais catálogos de livros, não consegue distinguir quais nomes dali ficariam consagrados pelas Histórias Literárias ou cairiam no esquecimento, uma vez que, como mercadoria, não havia hierarquia entre os títulos anunciados. Dessa forma, a análise dos catálogos das Livrarias de Garnier e de Eduardo e Henrique Laemmert, além de revelar várias obras que circulavam no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, nos permitiu estabelecer uma nova visada sobre o romance enquanto produto do mercado e não da crítica. E nesse lugar, não havia maiores e nem menores, consagrados e nem desprestigiados. Assim, ao menos nos catálogos e no gosto do público haveria supostamente espaço para todos.

Referências Bibliográficas

[1] ALENCAR, José de. “Benção Paterna” in *Sonhos d’ouro. Obras Completas*. v.1. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965.

[2] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda, 2000.

- [3] CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições elementares de Eloquencia Nacional para uso da mocidade de ambos os hemisferios que fallla o idioma portuguez*. 5ª edição. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1856.
- [4] CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. Introdução por Zahidé L. Muzart. Ed. Mulheres/Edunisc, Florianópolis, 1ª edição, 1997.
- [5] DARNTON, Robert. “O que é a história dos livros?” in *O beijo de Lamourette*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- [6] LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- [7] VASCONCELOS, Sandra Guardini. A formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas). Site www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br, link “Estudos”.